

boletim interno dos colaboradores da a.e.f.c.l.

consolidemos o m.a.:

- criticando e corrigindo os nossos erros
- lutando por uma verdadeira democraticidade

INTRODUÇÃO

Nesta Circular pretendemos expor as principais conclusões a que chegaram os colaboradores de Ciências na última sessão do Seminário Interno, onde analisaram os erros e falhas havidas no trabalho associativo, durante 72/73.

Antes disso vamos expor as razões porque ligamos tanta importância a essa crítica e os esforços que fizemos no sentido de preparar convenientemente o seminário.

O movimento associativo só pode fortalecer-se e caminhar em direcção à consolidação interna se tanto a vanguarda como as massas estudantis, criticarem a cada passo o trabalho que estão a desenvolver. Desta forma ficarão aptos a corrigir as falhas ou erros cometidos, isto é, poderão retirar da prática desenvolvida os devidos ensinamentos.

Conscientes disto, os colaboradores devem fazer todos os esforços no sentido de criarem nas massas hábitos correctos de crítica sobre todo o trabalho associativo, e em especial sobre a própria actuação da sua vanguarda, garantindo assim uma verdadeira democraticidade no trabalho e uma elevação do nível de consciência das massas.

É assim que entendemos que o movimento se fortalece e caminha decididamente em direcção ao objectivo que definimos.

UM PRIMEIRO PASSO

A preparação do Seminário Interno não se limitou à discussão entre os grupos preparadores.

Tentou alargar-se essa preparação ao maior número possível de estudantes: realizámos inquéritos, discutimos com muitos dos nossos colegas sobre os erros cometidos e as críticas que se deveriam apontar.

Com base nestes dados os grupos prepararam depois uma crítica sistematizada.

QUE FAZER A SEGUIR

É necessário sabermos explicitar aos estudantes no início do próximo ano as conclusões a que chegámos e sujeitá-las à discussão das massas que tomarão posição sobre elas, tendo assim a última palavra.

A PROXIMA SESSÃO DO SEMINÁRIO INTERNO

Em função das conclusões tiradas na última sessão do seminário, os colaboradores apontaram logo, como prioritárias, certas actividades a realizar nas férias, para preparar o trabalho do início do ano.

As Comissões de Curso dedicaram-se desde então, ao estudo da situação concreta do seu curso.

Nesta sessão que a seguir vamos efectuar devem pois formar-se grupos cujo trabalho será o de por o maior número de estudantes a trabalhar, se possível já em férias, dentro dos temas que se virem necessários, tanto para o trabalho a nível geral na faculdade, como o mais específico, em cada curso.

SOBRE:

- A SITUAÇÃO NO INÍCIO DO ANO
- O TRABALHO DESENVOLVIDO

O assassinio pela pida de Ribeiro Santos gerou uma justa indignação por parte da esmagadora maioria dos estudantes, o que possibilitava a sua união através das diferentes formas de manifestar a sua revolta

" Quando os estudantes são em especial alvo de formas mais agudas e mais nítidas de repressão, gera-se automaticamente a predisposição de amplas massas estudantis para uma movimentação de solidariedade e luta de apoio ao "alvo em causa. Mas acontece que esta predisposição tem vários aspectos e é reflexo de como é encarada a repressão em causa: o estudante pode ser motivado numa base sentimental de solidariedade mais ou menos abstracta, essencialmente moral; e pode ser motivado numa base bastante mais sólida a partir de razões de ordem socio-política-económica que se materializaram na agudização da repressão

(in "O Trabalho Federativo e a questão do Comercial e do Industrial")

Perante o assassinio de um estudante, cabia ao Movimento Associativo um importante trabalho -através de informações, reuniões, discussões, proposta de acção etc -capaz de englobar milhares e milhares de estudantes, inclusive aqueles que embora não tivessem estado nas primeiras lutas, por estarem indignadas com o acontecido podiam vir a transformar essas sua indignação em movimentações.

Um assassinio pela pida dum colega seu é um facto que possibilita um forte movimento para o qual é possível chamar a grande maioria dos estudantes.

" Não haver uma resposta através das suas várias formas (política, associativa) seria em primeiro lugar abrir um gravíssimo precedente... o terrorismo nazi estar-se-ia instalando impunemente na Universidade! Mas seria também em segundo lugar deixar a repressão caminho aberto"

(in "circular 20")

Mas para que consigamos de facto levar à prática qualquer trabalho devemos -nos basear numa análise da situação correcta e objectiva para podermos então apresentar as propostas adequadas à altura e que consigam efectivamente levar para a frente os objectivos que traçamos

" Quando se trata de determinar quais as formas e as proporções que deverá assumir a luta perante uma investida da repressão para que a resposta seja adequada há que olhar a dois pontos :A situação do movimento e as próprias formas e proporções que a repressão tomou. A resposta adequada é aquela que faz travar ou mesmo recuar a repressão e permite continuar a luta em boas condições. As formas e proporções da investida repressiva é um dado observável em cada caso concreto. Já o problema da situação do movimento é mais complexo e exige concretização "

(in "circular 20")

Ora, a situação a que posteriormente chegamos lava-nos a concluir que o Movimento Associativo da nossa escola, logo desde Outubro, não adoptou as formas de acção mais adaptadas à situação.

Concretizemos então qual era a situação na altura para depois vermos as falhas havidas na orientação do trabalho.

A SITUAÇÃO DO M.A. DE CIÊNCIAS NO INÍCIO DO ANO

a) A NÍVEL INTERNO

Quando começam as aulas (a 26 de Outubro) havia quase exclusivamente na Faculdade o 9º ano que vindo pela primeira vez para a Universidade, não tinha na sua maioria qualquer experiência de lutas associativas: muitos deles, aquilo que já conheciam delas era o que os pais ou os jornais diziam, incutindo-lhes ideias reacccionárias ou, só raras excepções, vinham de liceus onde já tivessem existido lutas.

É um primeiro ano que, por ter sido apanhado de choque, pelo tempo que se passa ra após o assassinio e, o que ainda agrava mais, por ver que Ciências é a única escola em luta (sem que para isso houvesse razão aparente), não se sente a partida motivado para continuar a luta: isto apesar de achar injusto o assassinio de um estudante.

A grande maioria dos estudantes que, em anos anteriores, tinha participado nas lutas da nossa escola (liberdade de informação e reunião, professores-polícias, gorilas, etc...) ainda não tinham voltado de férias (portanto também muitos deles não participaram nas lutas que se seguiram ao assassinio do nosso camarada).

Assim dentro da Faculdade, logo no início das aulas, estão os colaboradores que a todo o custo querem manter fidelidade à decisão de Plénario, estudantes do 1º ano e uma percentagem muito reduzida de estudantes dos outros anos.

Havia ainda, por parte das autoridades, a tentativa de aniquilar o movimento associativo da nossa escola, afastando do nosso seio alguns colegas nossos (aliás, já tinham tentado fazê-lo no ano passado, o que não resultou na altura devido à forte reacção motivada pela grande maioria dos estudantes - como prova a "recepção" aos gorilas). Isto por que as autoridades pensavam conseguir com tais medidas a intimidação generalizada dos estudantes e o seu regresso às aulas como se nada se tivesse passado (o que acabou mesmo por acontecer devido à nossa actuação).

b) A NÍVEL FEDERATIVO

Quando começam as aulas em Ciências já o Técnico e Económicas (as escolas com maior peso nas movimentações federativas que se seguiram ao assassinio de Ribeiro Santos) estão em exames. No caso do Técnico, puseram a luta a reboque da reabertura da A.E. (que evidentemente é aberta) e vão para exames e, a seguir, para aulas: em Económicas, fazem dois dias de greve "simbólica" e vão também para exames e depois para aulas.

Com efeito, as direcções reformistas, através da influência que ainda vão tendo sobre as massas estudantis conseguiram tomar mão no movimento, para o puxar para trás. Não como dizem os reformistas, por as massas estarem cansadas das lutas, mas sim por não se ter desenvolvido todo um trabalho que trouxesse cada vez mais estudantes para as lutas e que - ao mostrar a correcção de continuar com a palavra de ordem Vingaremos Ribeiro Santos -, desse uma consistência sólida ao movimento gerado pela justa indignação das massas estudantis. E, apesar de na altura terem sabido ver a necessidade deste trabalho, os colaboradores que defendem a orientação "POR Um Ensino Ao Serviço do Povo" foram incapazes de o fazer, devido à fraca organização existente nalgumas escolas e a não terem conseguido mostrar aos estudantes que os tinham apoiado integralmente nas lutas que se seguiram ao assassinio a necessidade de todo um trabalho contrário ao que reformistas e esquerdistas pretendiam desenvolver. Isto é, não se conseguiu organizar os estudantes presentes no meeting de Direito de modo a cumprir a palavra de ordem lá aceite - ir para as escolas puxar para a luta milhares e milhares de colegas.

Explicitamos já o papel dos reformistas. Falta-nos fazê-lo em relação aos esquerdistas.

-Os esquerdistas não conseguem distinguir as diferentes amplitudes e formas de luta que tem de tomar a resposta à repressão, consoante a própria amplitude (e qualidade) da predisposição à luta que a investida da repressão produziu entre as massas. Um assassinio hediondo como o que houve, cria justamente um potencial de resposta federativa muito mais ampla do que por exemplo a permanência de gorilas em Direito e outras situações repressivas existentes na ocasião das propostas "esquerdistas" de acções "audaciosas"... de quadros, para fazer recuar a repressão.

(in "circular 20")

Apesar de muitos "esquerdistas" terem momentaneamente aprendido (na prática pelo menos) o significado de "recuar para poder avançar" (1) e adoptado um comportamento aceitável que facilitou a unidade na acção, eles continuaram a "menosprezar" abertamente a nítida necessidade de mobilizar muitos mais estudantes - pois eram milhares os que o podiam ser - e de organizar devidamente esse trabalho de mobilização (2)

COMO EVOLUIU A SITUAÇÃO

Com base nesta situação e devido aos erros que cometemos (que serão analisados com permenor no texto que se segue) acabamos por :

- 1- A nível interno, os piquetes ficam isolados, sem cobertura, sem apoio dos estudantes o que facilitou a saída das suspensões que afastaram do contacto directo com a faculdade, os colaboradores mais experientes. Por sueste afastamento vem, para além de dificultar a concretização do trabalho programado, contribuir para que as anlises feitas não tenham em conta as prioridades de trabalho dentro da Faculdade
- 2- A nível federativo, não se conseguiu superar a traição dos "dirigentes" reformistas (e "esquerdistas") mobilizando e organizando todos os estudantes para a continuação da luta.

- 1- tal foi o caso da sua actuação no final do meeting de Direito em que reconheceram a possibilidade de alargar a muitos os poucos milhares de estudantes integrados nas lutas.
- 2- Agora eles (talvez pensando que os estudantes se esqueceram já das diferentes actuações após o assassinio) pretendem esconder o seu papel demissionista - o n-ao empenho na mobilização da maioria dos estudantes - na altura, acusando-nos a nós de termos boicotado as lutas.

PERANTE ESTA SITUAÇÃO DE FACTO, O QUE SE IMPUNHA ?

Teria de ter havido necessariamente uma ampla campanha de esclarecimento, logo desde o início:

- sobre o significado do assassinio de um estudante
- sobre a importância e o carácter da resposta que era necessário dar.
- sobre o sentido da existência de um "A.", do seu funcionamento democrático e das suas estruturas de decisão (R.G.A., Plenários, etc.).
- sobre a razão de ser da "debandada" das escolas em relação à luta -- e aqui cabia o desmascaramento sistemático da actuação das direcções reformistas.

Este esclarecimento era impossível de ser garantido por nós em simultâneo com a manutenção de uma greve geral:

1º Porque, como já dissémos e pelas razões que apontámos, existia uma reacção apriori negativa, senão generalizada, pelo menos significativa, em relação à própria greve.

2º Porque não tínhamos capacidade organizativa suficiente para promover rápida e eficazmente a alteração geral do ambiente existente.

A situação implicava a suspensão imediata da greve geral. Para isso teria de se realizar logo no primeiro ou segundo dia de aulas, uma Reunião Geral de Alunos. Ela teria fundamentalmente o sentido de:

- a) alterar a forma de luta:
passar de greve geral a greves intermitentes, com ocupação de várias aulas para discussão.
- b) dar a essa alteração o seu significado:
a incompreensão que se notava, em relação à razão de ser e à finalidade da greve, implicava a necessidade de uma campanha de esclarecimento. Nesse sentido se propunha esta transição para uma forma que a pudesse garantir.
- c) defender a justeza da adopção de uma greve geral e orientar toda essa campanha no sentido de se vir conseguí-la a curto prazo.
- d) começar logo aí a programar o esquema dessa campanha junto dos estudantes, através de
 - . organização das comissões de curso para a realização dessas discussões nas turmas e para a edição de textos;
 - . realização de meetings
 - . feitura de cartazes, informações, etc.

Com este programa pretender-se-ia atingir, fundamentalmente, dois objectivos:

- o apoio da forma de luta por parte da malta estudante
- o enquadramento dum número muito maior de pessoas a trabalhar associativamente.

Isto não foi o que sucedeu: os colaboradores não se adaptaram a esta nova situação.

1º pretendeu-se aguentar a greve a todo o custo

Viu-se a necessidade de adopção de uma forma forte de luta, (tanto em resposta ao assassinio como às suspensões que alguns dias depois apareceram), mas em abstrato (este erro viria a refletir-se também na RGA do dia 6)

Isto é, não se atendeu a que, ao aferir a eficácia de uma determinada forma de luta, têm de se ter em conta dois factores:

- as repercussões da própria forma em si (e neste sentido, a paralização total da Faculdade é, sem dúvida, a de maior efeito);
- e o apoio que os estudantes lhe dão

A greve, apoiada, teria sido de facto, eficaz. Mas, furada, e da maneira como o foi, acabou por isolar a vanguarda associativa, perante a massa estudantil, e levou a que as suspensões que se lhe sucederam não viessem a ser factores de mobilização para o recrudescimento da luta.

Que essas suspensões (sobretudo as primeiras) deveriam vir a aparecer, é um fac-

to. Desde lá muito o CE já as tinha "na manga" prontinhas para sair na primeira oportunidade, Mas, a confusão existente na Faculdade, o descrédito e o isolamento em que na altura caíra o MA, veio facilitar a tarefa às autoridades.

E isto porque?

Nós sabemos que em alturas em que a mobilização "latente" é forte, o governo pensa 2 vezes antes de aplicar medidas "demasiado fortes". Ele sabe que se o faz, isso pode levar a um recrudescimento da luta que, convenientemente orientado se traduza num passo em frente para o movimento.

No estado em que aparecem as primeiras suspensões, as condições não nos eram favoráveis. O governo pôde assim, sem grandes recuos, afastar por um longo período alguns dos estudantes mais activos.

2º Período - 6 a 23 de Novembro

O início deste segundo período - a própria RGA de 6 de Novembro - reflete ainda o mesmo erro fundamental já apontado. A sua orientação e a proposta que acaba por ser apresentada é ainda a da manutenção da mesma greve. Continua a não se ver como fundamental o trabalho de discussão, junto dos estudantes, dos pontos já apontados.

E isso levou a que a proposta de greves intermitentes que acabou por ser adotada, não tivesse um conteúdo em si. Não se estava a ver qual o sentido correcto da sua realização.

Ela era encarada, na cabeça dos colaboradores, como uma fase de espera para uma futura greve geral, (o que até seria correcto). Mas não se definiram bem os métodos que teriam de se utilizar para caminhar nesse sentido.

O período de tempo escolhido foi, por outro lado, de tal forma curto (3 dias) que junto com a inexistência de uma perspectiva bem definida do trabalho a realizar, acabou por contribuir para o espalhar da confusão, no meio dos estudantes.

Esta a falha principal do início do segundo período.

No desenrolar sucessivo da greve geral (9-16 de Novembro) e das greves intermitentes (16-23 de Novembro) foi também fundamental um aspecto: o do esquecimento dos problemas que a própria greve tinha começado a criar à maioria dos estudantes.

- as faltas e a afixação da matéria; cada vez mais agravadas estas questões, não tratadas pelo MA, vieram a constituir importantes factores para o afastamento de largas massas de estudantes e contribuíram fortemente para um certo descrédito do Movimento.

Não se quer com isto afirmar que se deveria ter substituído a luta de vingança pelo assassinio do Ribeiro Santos, contra as prisões e as suspensões, pela parcelização das lutas pedagógicas.

Isto implicava antes que se deveria:

1 - ter informado os estudantes novos (principalmente o 1º ano) sobre as lutas desenvolvidas nos anos anteriores.

2 - ter esclarecido sobre os problemas que seria natural que se lhes levantassem naquela altura (faltas, afixação de matéria, etc.)

3 - ter tratado esses mesmos problemas, salvaguardando sempre o plano principal à luta global que a Faculdade desenvolvia - vingança pelo assassinato de Ribeiro Santos, contra as prisões, contra as suspensões.

Isto foi também uma falta por duas razões:

1 - EVITAVA-SE O AFASTAMENTO

Como se disse, pelo afastamento que a ausência de tratamento dessas questões veio trazer

"... os problemas existem, quer a gente queira abordá-los ou não. Não se pode é evitar que as pessoas se comecem a preocupar com todas estas questões; pelo contrário, será não os abordando e não os colocando no seu devido lugar secundário, teremos a pulverização da greve."

in "Circular 20"

2 - PREPARAVA-SE O RECUO

Porque, admitindo que teria de haver um recuo, previsível dado o isolamento federativo em que Ciências caíra, e o aumento da repressão interna que se verificava, a consolidação das estruturas de curso também em

torno desses pontos era um factor de extraordinária importância para o fortalecimento do MA lá dentro

... Ora também neste instante o aspecto principal (defesa da malta atingida pela repressão) coexiste com um aspecto secundário: as lutas de curso referidas.

De igual modo, a preparação destas lutas não se deve sobrepor actualmente à resposta à repressão(...), pois isso não só afogaria a luta presente como comprometeria a sua próxima fase.

Mas é o dar-se atenção à preparação dessa próxima fase que permite evitar uma queda brusca na mobilização, evitar um recomeço do zero; por outras palavras, permite a consolidação da luta...

in "Circular 20"

A terceira falha foi a dos grupos culturais. A sua constituição, se acompanhasse o ponto anterior, era correcta. Mas não o foi o seu abandono.

Embora por razões diferentes, de caso para caso, estes grupos acabaram por esboroar sem terem, na maioria, realizado trabalho palpável.

A sua actuação, se dirigida no sentido de divulgar e promover discussões sobre assuntos relacionados com os pontos em foco na Faculdade, permitiria uma melhor perspectivação dos acontecimentos e, por outro lado, seria um passo em frente na criação de estruturas culturais associativas.

Os temas que se escolheram estavam, de facto, de acordo com a situação, mas a orientação que se lhes deu, não:

Um dos maiores perigos que sempre se corre num tipo de trabalho destes é o do intelectualismo. Ele consistiu, neste caso, no afastamento do estudo e do aprofundamento, que se faria em relação às necessidades de concretização prática que tinha de se lhe dar a curto prazo; isto é, o seu aparecimento destinava-se à perspectivação da luta e isso tinha de ser tomado em consideração nos pontos de análise e na distribuição de tarefas de reunião para reunião. Perdendo-se este sentido de vista, o grupo acaba por não actuar no sentido em que qualquer estrutura associativa deveria preponderantemente fazê-lo: dirigida para as massas estudantis.

Claro que não se quer dizer que não tenha sido bom que individualmente cada um dos participantes possa ter aproveitado de todo este trabalho.

Mas, o que é facto é que não ficou preenchido o papel fundamental que lhe cabia (e que aliás é comum a todo o movimento associativo): o de atingir, na sua actuação, as grandes massas de estudantes.

Este o erro principal dos grupos que chegaram a actuar.

Um outro erro que se lhes pode apontar é o da falta de preparação por parte da malta mais responsável (e na altura até mais disponível, dado que na maioria suspensa) das reuniões que se faziam.

Reuniões deste tipo, para avançarem,

- têm de ter definidos pontos fundamentais de discussão

- devem estar assentes, logo de início, em dados concretos (livros, recortes, informações estatísticas, etc.) que possam ser trabalhados em torno dos pontos escolhidos

- devem definir finalmente tarefas a cumprir por parte de toda a gente presente, realizáveis no prazo marcado até à reunião seguinte, e que contribua de facto para o avanço real do trabalho decidido.

O que sucedeu muitas vezes foi que:

- não se tinha ideias bem assentes do que se ia fazer na reunião

- passava-se duma vez para a outra sem se terem recolhido os dados vitais para o prosseguimento do trabalho; os colaboradores novos que apareciam não conseguiam por si arranjar os (este trabalho competia aos mais antigos, neste caso). E isso atrasava tudo e desmobilizava-os

- as tarefas que eram distribuídas muitas vezes não era possível realizá-las no prazo de tempo que seria de desejar e isso levava ao mau andamento das reuniões e, consequentemente, também à falta de interesse que acabavam por suscitar.

. Um último ponto - a "balda" de muitos colaboradores (suspensos) que, pela sua experiência de trabalho anterior, deveria ter tido um comportamento de muito maior responsabilidade. Este um factor que, como veremos, se prolonga por todo o período de suspensão, até maio, o que viria a prejudicar em alto grau o desenvolvimento do trabalho dentro da Faculdade. São assim se compreende, aliás, a enorme descordenação que sempre se evidenciou entre as possibilidades de trabalho no interior e o que realmente aí se levou a cabo.

A situação geral a que se tinha chegado no fim do período que descrevemos poder-se-ia caracterizar numa frase: Não havia apoio por parte da grande massa dos estudantes em relação a uma forma de luta como a greve geral. Isto era imediato se atendessemos a que:

- a greve geral estava desprestigiada. No período anterior ela tinha vindo a acabar com uma grande percentagem de furos. O surto que vieram depois a representar as greves intermitentes com concentrações (com cerca de 200 pessoas), teve reflexos muito maiores sobre os estudantes mais activos (colaboradores e "orla", que chegavam a constituir piquetes gigantes de informação e boicote) do que na grande parte dos restantes.

Embora concordando com elas, não se dispuseram a avançar de novo para uma forma de luta mais forte como seria a greve geral.

- por outro lado não havia a acrescentar à situação anterior qualquer factor adicional de impacto:

Internamente, da maneira como as coisas estavam, não se "estranhava" já o aparecimento de mais suspensões. E a 3ª lista acabou por não representar grande alteração no panorama geral.

Do ponto de vista das outras escolas, não havia também modificações apreciáveis: apesar de algumas delas terem iniciado curtos períodos de greve, isso não correspondia na altura a um recrudescer da luta global federativa.

- finalmente do ponto de vista organizativo: as comissões de curso tinham sido bastante atingidas. Muitos dos colaboradores com experiência anterior tinham sido suspensos.

Isto provocou, por um lado, a desorientação geral dos colaboradores mais novos, que viam desaparecer da faculdade os estudantes com maior experiência de luta.

Por outro lado, o medo. Muitas das pessoas que já tinham até participado nas comissões de curso desde há alguns anos, acabaram por "meter-se em copas", com receio de vir a seguir o mesmo caminho.

Isto traduziu-se por fim na quase total paralização das estruturas associativas de curso.

É de acordo com esta análise da situação que nós reconhecemos que a palavra de ordem adoptada não estava de acordo com a situação.

As consequências foram prejudiciais ao M.A.:

Embora de início pouco furada, esta greve não se veio a traduzir numa mobilização efectiva. Antes pelo contrário. Embora não furando, a grande maioria dos estudantes já não apoiavam aquela forma de luta, limitando-se a ficar em casa à espera que as aulas recomeçassem.

Presentes na Faculdade: Os estudantes mais activos e que viam a necessidade de levar à prática a decisão de R.G.A. (e que se organizavam para isso em piquetes) e os furas.

Esta divisão cada vez mais acentuada levou a que:

1º Os piquetes ficassem isolados e a repressão pudesse (como pôde) muito mais facilmente actuar sobre eles.

2º Preocupados, mobilizados exclusivamente no sentido de garantirem a própria greve, os colaboradores não pudessem preencher a tarefa que se apontava como principal naquele momento: a reorganização das estruturas associativas, o fortalecimento das comissões de curso.

O QUE SE DEVERIA TER FEITO NESSE SENTIDO?

Deveriam ter sido prolongadas as greves intermitentes. Elas deviam estar orientadas segundo os seguintes pontos:

- tentar ainda dar um toque nos problemas que se tinham levantado na sequência da defesa dos presos e dos suspensos: as faltas, os testes, etc.

A altura era ter ia. É certo, mas o pior era, como o foi, deixar todas estas questões ao abandono.

Poder-se-ia m ter tratado estes assuntos nas comissões de curso. Analizava-se questão por questão, professor por professor. Ligava-se o aparecimento destas "armas" dos professores ao com o papel que eles tinham desempenhado em todo o seguimento da luta pela vingança de Ribeiro Santos. E marcavam-se concentrações em aulas destes senhores, em que se lhes exigia explicações das atitudes tomadas e o recuo em relação a elas (recuo esse que podia ser exposição de uma matéria afixada em tempo de greve, etc.)

- simultaneamente, nessas comissões de curso a realizar nas greves intermitentes, far-se-ia também a ligação entre o 1º e o 2º períodos. Isto é: O problema que tinha surgido naquele momento das faltas, ir-se-ia levantar novamente em Janeiro e no 2º semestre. - Havia que tomar medidas em relação a ele.

Os professores que tinham "mostrado as garras" nesta altura, iriam provocar distúrbios, pela certa, num futuro próximo. - Havia que estudar formas de os neutralizar.

Podiam ter-se organizado grupos que fizessem e editassem biografias dos professores durante a crise com todos os seus actos "heroicos": denúncias, recusas de informação, aulas à porta fechada, nas vitrines, etc.

Em suma, tentado uma agregação e organização mínima dos estudantes em torno dos problemas que naquele momento sentiam com bastante acuidade.

Este o aspecto geral do período Outubro-Dezembro.

Estas as críticas e "contrapropostas" que os colaboradores, analisado o trabalho têm a apresentar.

Sobre o trabalho desenvolvido de Janeiro a Maio, sairá um texto de crítica em breve, anexo a esta Circular.